

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUIS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

## CAPITALISMO DE PLATAFORMAS: conceitos e particularidades do

trabalho mediado por plataformas

Thaís Lopes Vasconcelos<sup>1</sup>

Cláudia M. Costa Gomes<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho apresenta os resultados parciais da dissertação de mestrado em andamento, intitulada: *Microtrabalho: Uma reflexão da gestão algorítmica do trabalho e os aspectos da precarização na plataforma da Amazon Mechanical Turk*. Integra os estudos que vem sendo desenvolvidos no âmbito da iniciação científica e da Pós-graduação, os quais tem seu objeto de análise, voltados a melhor compreensão da crise e do capitalismo brasileiro. A pesquisa tem um caráter teórico de abordagem qualitativa, utilizando análises dos tipos bibliográfica e documental, fundamentada na crítica da economia política. O artigo procura evidenciar as particularidades do trabalho mediado por plataformas identificados na revisão da literatura. Nossa análise corrobora com aqueles que defendem que o capitalismo de plataforma, explora e aumenta a lógica da flexibilidade do trabalho ao reforçar o trabalho conectado. Portanto, compreendemos que essas grandes corporações que operam através das plataformas digitais, possuem uma estrutura que reforça a precariedade do trabalho.

**Palavras-chave:** Capitalismo de plataforma; trabalho; precariedade

### ABSTRACT

This paper presents the partial results of the master's thesis in progress, entitled: *Microwork: A reflection on algorithmic work management and aspects of precariousness on the Amazon Mechanical Turk platform*. It integrates the studies that have been developed within the scope of scientific initiation and postgraduate studies, which have their object of analysis, aimed at a better understanding of the crisis and Brazilian capitalism. The research has a theoretical character with a qualitative approach, using bibliographical and documental analysis, based on the critique of political economy. The article seeks to highlight the particularities of work mediated by platforms identified in the literature review. Our analysis corroborates those who argue that platform capitalism exploits and increases the logic of work flexibility by reinforcing connected work. Therefore, we understand that these large corporations that operate through digital platforms have a structure that reinforces the precariousness of work.

**Keywords:** platform capitalism; Work; precarious work

<sup>1</sup> Graduada em Ciência da Computação, graduanda em Serviço Social e Mestranda no curso de Pós Graduação em Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba. Bolsista FAPESQ-PB. E-mail: profthais@gmail.com.

<sup>2</sup> Orientadora e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFPB.

Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Economia Política e Trabalho – GEPET. Bolsista de produtividade em pesquisa 2 (CNPq/Brasil). E-mail: claudia.gomes@academico.ufpb.br

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

## 1 INTRODUÇÃO

O presente texto está centrado nos estudos sobre as particularidades do modo de produção capitalista contemporâneo. Buscamos analisar as mudanças no capitalismo contemporâneo que modificaram sua forma organizacional quando passou a operar a partir das intituladas tecnologias digitais. Alguns autores denominaram esse fenômeno como capitalismo de plataforma (SRNICEK, 2018).

Nestes termos, procuramos analisar o capitalismo de plataforma e suas particularidades nas relações entre capital e trabalho. Trata-se de analisar a particularidade do fenômeno a luz da perspectiva crítica, evidenciando que este não pode ser compreendido de forma apartada da categoria trabalho.

No intuito de nos aproximarmos da temática, avaliamos o que vem sendo produzido sobre o tema, bem como quais as linhas teórico-metodológicas vêm sendo adotadas nos estudos realizados. Assim empreendemos uma investigação preliminar sobre o estado da arte deste objeto. Pesquisar o estado da arte é mapear o que já foi pesquisado sobre determinada temática, apontando suas principais tendências.

O presente trabalho tem como objetivo apontar como os autores estão buscando conceituar esse fenômeno, e algumas particularidades do trabalho mediado por plataformas digitais identificados na revisão da literatura e levantamento na base de periódicos nacional como Capes, google acadêmico e scielo.

O trabalho se justifica partindo da necessidade de proporcionar maior entendimento das características com que operam a lógica do grande capital no capitalismo contemporâneo, uma vez que, os detentores das tecnologias se situam numa poderosa posição estratégica. Entendemos tratar-se de uma pesquisa qualitativa. Para atingir tais objetivos recorreremos à pesquisa bibliográfica e documental.

PROMOÇÃO



APOIO



Consideramos o tema atual e de relevância acadêmica, pois o objeto de estudo necessita de pesquisas que ampliem o foco de discussão em torno dessas novas formas de operação do modo de produção capitalista na era digital.

No estudo, averiguamos que existe um número considerado de publicações no campo da sociologia do trabalho, psicologia, comunicação, tecnologia e direito, dos quais destacamos as obras de (ANTUNES, 2020), (ABILIO, 2021), (CASILLI, 2021), (BRAZ, 2021) (GROHMANN, 2020), (SCHMIDT, 2017), (KALIL, 2019), (MACHADO et al., 2022), (BERG et al., 2018), (DE STEFANO, 2016), (SLEE, 2019) e (SRNICEK, 2017), (ABILIO, AMORIM, GROHMANN, 2021). Entretanto, ainda há escassez do tema no âmbito do Serviço Social, tendo em vista, a particularidade/peculiaridade desse trabalho, em que essas empresas (detentora das plataformas) têm muito poder e dificultam o acesso aos dados desses trabalhadores, que, por conseguinte, estão espalhados e dispersos pelo mundo, o que de certa forma, pode dificultar sua organização e a busca por uma legislação trabalhista adequada e pautada em direitos.

## 2. CAPITALISMO DE PLATAFORMA

Em nossa pesquisa, buscamos compreender como o capitalismo de plataforma se apresenta e as características do trabalho mediado pelas plataformas. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica inicial que fizemos para a construção desse artigo, nos levou a uma aproximação do tema, de forma substantiva.

Sob o desenvolvimento das novas tecnologias e seus impactos na sociedade, diversos autores passaram a pensar esse fenômeno que inseriu novas relações entre o homem e o capital, dentre os quais podemos destacar: *A sociedade em rede* (CASTELLS, 1999), *Revolução informacional* (LOJKINE; 2002), *Capitalismo de plataformas* (SRNICEK, 2018), *Economia compartilhada* (SUNDARARAJAN; 2019) e *Uberização* (SLEE, 2019).

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

Assim, buscamos discorrer com os autores e suas percepções para as mudanças tecnológicas que ocorriam no mundo capitalista a partir da crise (NETTO, 2012) da década de 1970. Lojkin (2002), dialogando com a perspectiva marxista, vai chamar esse fenômeno de *revolução informacional*. Ela teria como base a informação e o conhecimento (o domínio do trabalho intelectual) diferente da revolução industrial que teve como base o trabalho industrial em série (a partir da industrialização fordista e taylorista). Para o autor, não existe uma substituição, existe uma integração dialética, onde a revolução informacional cria uma nova dinâmica entre relação e produção. Em sua lógica ela seria mais importante que a revolução industrial e traz na centralidade da informação um movimento que marca essa passagem.

Seu contemporâneo, Castells (1999), faz um resgate histórico para compreender o impacto das tecnologias na sociedade. Ele vai destacar essas mudanças como um terceiro momento de uma nova transformação, ao qual uma nova economia e uma nova sociedade estão surgindo. “Por outro lado, diferentemente de qualquer outra revolução, o cerne da transformação que estamos vivendo na revolução atual refere-se as tecnologias da informação, processamento e comunicação” (CASTELLS, 1999, p.68). Ele vai chamar de *capitalismo informacional*.

Percebe-se em sua obra como a tecnologia é relacionada como base para todas as mudanças em todas as relações e que é a partir delas que vem o impulso para todas as transformações. Ele tenta mostrar que essa revolução altera o modo de desenvolvimento, mas não o modo de produção. Ou seja, é só o capitalismo mudando sua forma de operar.

Quando esses autores escreveram suas obras havia uma perspectiva de que essa revolução informacional pudesse contribuir para uma sociedade do conhecimento, onde as tecnologias poderiam ser utilizadas para uma vida de diminuição do trabalho penoso e de que o trabalho seria mais intelectualizado. Contudo, suas posições, não se sustentam na realidade concreta, pois na verdade a

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUIS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

generalização da inovação tecnológica só levou o capitalismo a mudar sua forma de operar o uso e controle da força produtiva do trabalho, reduzindo o tempo de trabalho necessário à produção e tornando residual o capital variável do processo produtivo (COGGIOLA, 1996), aprofundando com isso, a desigualdade social com a criação de uma massa de trabalhadores cada vez mais supérfluos e precarizados.

Com o avanço das contradições geradas pela revolução informacional, autores como Sundararajan (2019) compreende que estamos vivendo um momento de transição para um capitalismo de multidão, o autor faz uma análise mais positiva do uso das tecnologias. Sua obra retrata uma *economia do compartilhamento* (*sharing economy*) que seria mais comunitária, uma possibilidade de dar condições melhores ao exercito industrial de reserva, que agora poderia se auto gerenciar, se tornar “microempresários”. O autor questiona se essa nova revolução cria um mundo de trabalho melhor, e reflete uma espécie de nova categorização do trabalho, pois para o autor cada vez mais a população não entenderá o trabalho como uma relação assalariada. Ele levanta a dificuldade em caracterizar se existe uma relação de emprego ou prestação de serviço na mediação do trabalho efetuado pelas plataformas.

Em contrapartida a essa romantização da economia compartilhada, Slee (2019) argumenta que as promessas da economia compartilhada não se realizaram. O que se realizou foi uma reconfiguração do capitalismo para lidar com suas crises (NETTO, 2012). As regras não mudaram, a competição continua desigual, se implementa mais um processo de degradação do trabalho como afirma também Antunes (2020) na obra *O privilégio da servidão*. Slee (2019) apresenta as contradições contidas entre o discurso da liberdade, da autonomia e da solidariedade que as plataformas tinham no início, para as condições reais e práticas do capitalismo de plataformas.

Seguindo essa linha crítica, Srnicek (2018), utilizando uma abordagem marxista com ênfase econômica, vai intitular esse novo momento do capitalismo de um regime de acumulação chamando-o de *capitalismo de plataforma*. O enfoque

PROMOÇÃO



APOIO

dele é na dinâmica do capital. Para o autor é uma nova modalidade, continua sendo capitalismo, mas, operando de outra forma. O autor deixa explícito que é preciso entender o sentido da economia de forma mais ampla. O capitalismo de plataforma se consolidaria então como uma nova economia, operada pelo uso intenso da tecnologia, que passará a regular todas as instancias da sociedade.

Na literatura recente sobre o tema, é descrito que esse fenômeno tem provocado mudanças em larga escala nas organizações do trabalho, na prestação de serviços, nas relações sociais e está se expandindo rapidamente.

Kalil (2023) indica que a força explicativa do uso do termo capitalismo de plataforma, está em colocar as plataformas digitais no centro do debate, ou seja, tratar esse fenômeno como uma das expressões do capitalismo – e não como algo isolado. E colocar o capitalismo em evidência, como forma organizadora dominante da sociedade, com grande capacidade de adaptação, e por último, dar visibilidade aos efeitos concretos das novas tecnologias sobre o trabalho, como a fragmentação e a precarização.

Na discussão precedente, tentamos demonstrar como os autores conceituaram esse fenômeno, agora, vamos adentrar nas particularidades, procurando compreender o trabalho mediado por plataformas.

## 2.1 O trabalho mediado por plataformas

É importante destacar, que em nosso levantamento bibliográfico, podemos observar a dificuldade em definir conceitos e as classificações dos diferentes tipos de trabalho digital, uma vasta definição de termos que estão inseridos hoje nas produções acadêmicas, tais como: plataforma, uberização, *gig economy* e etc.

Grohmann (2020) define a plataforma como a dependência dos trabalhadores e consumidores as plataformas digitais, aos seus algoritmos, e a relações de flexibilização do trabalho, o seu empenho é que a plataforma seja

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



entendida a partir da imbricação entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal.

Já, o conceito Uberização se tornou mais popular e ganhou força nos meios de comunicação. “A Uberização, na verdade se trata da transformação do trabalhador nesse profissional *just-in-time* [...] é consolidar uma forma de subordinação e gerenciamento do trabalho inteiramente apoiada em um trabalhador desprotegido.” (ABÍLIO, 2021). A uberização deve ser vista como uma tendência global de gerenciamento e controle do trabalho, ao qual nasceu muito antes do controle via plataformas digitais<sup>1</sup>.

Logo, *Gig economy* (traduzida no Brasil como economia de bicos), é um conceito muito utilizado nos países do norte global, De Stefano (2015) o define como uma economia baseada em trabalho informal. Abílio, Amorim e Grohmann (2021) ressaltam que o termo é complexo de ser utilizado em países onde a informalidade se constituiu historicamente na classe trabalhadora das periferias. Abílio (2021, p.87) destaca que a economia de bicos no norte global pode não ser a regra, mas aqui, no Brasil, o trabalho informal é a regra. “não é uma exceção, uma forma transitória de sobrevivência”.

É preciso destacar ainda, que apesar da importância de definir o que é o trabalho mediado por plataformas é necessário compreender que ele é diverso. Existem diferenças claras nesse tipo de trabalho, que vai do motorista do *Uber*, do *freelance* que envia seu trabalho para a plataforma de design, do trabalhador da *Amazon Mechanical Turk* que alimenta a inteligência artificial, e do médico que faz consultas por uma determinada plataforma.

Entende-se assim, que o trabalho mediado por plataforma tem um efeito implacável na vida das pessoas, é preciso buscar entender como esses atores se posicionam (empresa, trabalhador, Estado e etc.), procurar distinguir essas diferenças, pois só assim é possível lutar por políticas que melhorem as condições desses trabalhadores.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



Com base nas análises dos autores, capturamos que o capitalismo de plataforma (SRNICEK, 2018), apresenta as seguintes características:

Primeiro, tem como grande diferencial a capacidade de capturar, analisar, gerir e processar dados. A conversão da informação em matéria prima - o dado - é um dos eixos do capitalismo de plataforma. Grohmann (2020) assinala que os dados estão na nossa vida cotidiana e nas nossas práticas sociais.

Podemos exemplificar o uso de dados no nosso cotidiano: a partir da plataforma do Google quando fazemos uma pesquisa através do site (nos tornamos um consumidor em potencial), a plataforma captura esses dados e passa a direcionar conteúdo pago (BBC News Brasil, 2023). Quando avaliamos um motorista de aplicativo, a plataforma utiliza esses dados para gerir o trabalho, controlar e se achar necessário punir o trabalhador (WOODCOCK, 2020). Quando uma empresa avalia a contratação do funcionário com base nas redes sociais. Quando damos o nosso CPF na loja, a empresa passa a poder vender os dados do nosso consumo para outras empresas (SOUZA, 2023).

Neste sentido, Srnicek (2018), apresenta que era necessário um novo modelo de negócios que extraísse todas as vantagens dos dados, assim nascem as plataformas, que mediadas por algoritmos, passam a ocupar lugar de destaque, e detém grande poder econômico. A Amazon, por exemplo, empresa de Jeff Bezos, nos Estados Unidos, é uma empresa multinacional de tecnologia que exerce influência no mundo inteiro através de seus inúmeros produtos e serviços (KHAN, 2022).

Segunda característica: a gestão algorítmica do trabalho - são empresas que controlam infraestruturas digitais, capturam dados e os gerenciam através da gestão de algoritmos.

[...] o gerenciamento algorítmico assenta-se no conjunto de instruções automatizadas, capaz de combinar uma enormidade de variáveis resultantes da extração e processamento de dados em escalas gigantescas – que envolvem desde estratégias cotidianas dos trabalhadores até as dinâmicas do consumo (ABÍLIO; AMORIM; GROHMANN, 2021)

PROMOÇÃO



APOIO





PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



Diversas pesquisas estão disponíveis sobre o uso do algoritmo na gestão do trabalho, aos quais podemos citar: o Bureau Internacional do Trabalho (BERG et al, 2018), que pesquisou a gestão algorítmica de trabalhadores de microtarefas nas plataformas *on-line*. Jamie Woodcock ao tentar desvelar o papel de mensuração, vigilância e controle, na perspectiva do trabalhador de plataformas de entrega (WOODCOCK, 2020), e a de Sidnei Machado, et al., que vai estudar o modelo de negócio das empresas de plataformas com ênfase na regulação jurídica do trabalho (MACHADO et al, 2022).

No que se refere aos dados, Srnicek (2018), apresenta ainda, as seguintes vantagens do seu uso para a economia:

Educam e dão aos algoritmos uma vantagem competitiva; Permitir a coordenação e realocação de trabalhadores; Permitem a otimização e flexibilidade de processos de produção; a possibilidade de transformar produtos de baixa margem para serviços de alta margem. (SRNICEK, 2018, p. 44, tradução nossa).

Na mesma direção, Woodcock (2020), em sua pesquisa com trabalhadores de aplicativos da empresa Deliveroo (DELIVEROO, 2023), na Inglaterra, entende que os algoritmos são usados para medir e supervisionar o trabalho, atuando no controle dos processos de gerência do trabalho:

[...] deve-se começar com uma compreensão do local de trabalho como um lugar de conflito, no qual os algoritmos são concebidos e implementados pelos gestores. O algoritmo e, é claro, a mensuração necessária para que ele seja eficaz, são, portanto, parte de uma longa história de gestão do trabalho, um processo que envolve, impreterivelmente, tentativas de supervisionar, controlar, motivar e disciplinar os trabalhadores (WOODCOCK, 2020, p. 31).

Em relação aos algoritmos, as contribuições das pesquisas citadas nos permitem compreender que os eles não são neutros, são resultados de interações de pessoas, que além de ajudar a gerar ativos, servem para controlar o trabalhador (vigiar e punir).

Srnicek (2018) levanta outra característica importante, as plataformas funcionam como mediadoras entre diferentes grupos, assim, ela é a proprietária da infraestrutura, o que lhe proporciona uma vantagem expressiva na captura de

PROMOÇÃO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



dados, já que passa a poder capturar dados em todas as suas mediações. Assim, as plataformas ganham acesso a esses dados sem o controle do governo, e embora se digam isentas são elas quem comandam esse espaço de negócios.

Por suas estruturas físicas e tecnológicas, as plataformas podem operar a partir de qualquer lugar, e isso acaba intensificando um efeito de terceirização em escala global (ANTUNES, 2020). Assim, a plataformação é feita a partir da divisão internacional do trabalho, existe uma geopolítica do trabalho por plataformas (CASILLI, 2021; GROHMANN; ARAÚJO, 2021), e isso tem que ser considerado, de forma que, não é aleatório que as grandes empresas de tecnologia em sua grande maioria tenham suas sedes no norte global, e que o sul global seja um celeiro expressivo para trabalhadores de plataformas. “As empresas baseiam essas escolhas estratégicas em fatores econômicos que são inevitavelmente influenciados por dependências globais e desequilíbrios de riqueza e poder entre os países do Norte e do Sul.” (CASILLI, 2021, p. 128). Portanto, se faz necessário estudar seus efeitos a partir das particularidades de cada país, pois as plataformas podem intensificar os processos de desigualdades.

A quarta característica é que as empresas de plataformas possuem tendências monopolistas. Se os dados são o principal ativo desse novo negócio, segundo Srnicek (2018), a plataforma precisa estar capturando mais e mais dados para poder ampliar seu ativo. O fato de elas possuírem uma infraestrutura digital e custos marginal baixo as permite diversificar e modificar rapidamente suas atividades, e assim conforme surgem às inovações vão se posicionando em atividades chaves, o que acaba permitindo a elas a monopolização, ainda que seja momentânea, já que, uma nova inovação pode surgir a alterar o processo.

E como fica o trabalhador nessas mudanças?

A perspectiva teórica que fundamenta essa abordagem postula que, o capitalismo se reproduz, a partir da exploração da força de trabalho; que se atualiza por meio da precarização, e da informalidade, e isso acontece agora, através da era

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



digital, com essa nova *morfologia do trabalho* (ANTUNES, 2020), conforme aponta Ricardo Antunes:

O século XXI apresenta, portanto, um cenário profundamente contraditório e agudamente crítico: se o trabalho ainda é central para a criação do valor – reiterando seu sentido de *perenidade* – estampa, em patamares assustadores, seu traço de *superfluidade*, da qual são exemplos os precarizados, flexibilizados, temporários, além do enorme exército de desempregados (as) que se esparramam pelo mundo (ANTUNES, 2009, p. 238).

Nesse sentido, Abílio; Amorim; Grohmann (2021) complementam:

Reside em compreender as plataformas digitais como um novo meio poderoso pelo qual as relações de trabalho vêm se reestruturando, sem, entretanto, incorrer em um determinismo tecnológico que mistifique os processos sociais que envolvem décadas de flexibilização e transformação no trabalho, e que se materializam nas plataformas digitais, embora de forma obscura (ABÍLIO; AMORIM; GROHMANN, 2021, p.28).

Destaca-se que as plataformas se eximem de qualquer vínculo empregatício ao solicitar aos trabalhadores suas condições como prestadores de serviços independentes, ou trabalhador por conta própria. A plataforma se “autoregulamenta”, para poder controlar os trabalhadores e não aceita nenhuma regulação externa (BERG et al., 2018). Nem os provedores de plataforma nem seus clientes assumem o papel e as responsabilidades de um empregador como leis trabalhistas e proteção ao trabalhador (SCHMIDT, 2017).

Os estudos (SCHMIDT, 2017), (BERG et al., 2018), (MORESCHI; PEREIRA; COZMAN, 2020) e (KALIL, 2019) mostram que é possível constatar claramente a inexistência de proteção social. Desta forma, a plataforma não acha necessário prestar nenhum tipo de assistência ao trabalhador, conforme aponta o estudo que concluiu que os *turkers* (nome dado aos trabalhadores da plataforma da Amazon (Amazon Mechanical Turk, que executam microtarefas na plataforma) brasileiros trabalham sobre altas cargas de trabalho e convivem com doenças psicossomáticas como estresse e ansiedade, além de baixa remuneração (MORESCHI; PEREIRA; COZMAN, 2020). A estratégia das plataformas é mobilizar o trabalho autônomo e contornar a regulação, alimentando a ideia de autonomia e liberdade (MACHADO et al., 2022).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

## 3 CONCLUSÃO

Abrindo mais questões do que as fechando, propusemos uma reflexão a respeito das mudanças ocorridas no capitalismo a partir do uso das intituladas tecnologias digitais, assim é fundamental afirmar que é o capitalismo quem determina o uso das tecnologias e se o seu potencial será utilizado em prol de uma melhora nas condições de vida da humanidade, ou em favor do capital, não podemos demonizar as tecnologias e nem romantizar suas consequências para o mundo do trabalho.

No que se refere aos aspectos político-institucionais, é preciso compreender que o trabalho mediado por plataforma tem nos dados seu ativo, e que eles não são neutros, são resultados de interações de pessoas, que além de ajudar a gerar ativos, servem para controlar o trabalhador, uma vez que, o capitalismo envolve todas as relações sociais. Essas empresas têm muito poder e assim, influenciam as políticas públicas de um país.

Como a análise sucessiva ao tema, inferimos que existe uma pluralidade de conceitos que caracterizam essas mudanças no capitalismo, enquanto alguns autores correm para mostrar as rupturas outros tentam mostrar a continuidade, o que fica claro é que não podemos analisar o capitalismo de hoje com as mesmas dimensões do passado, o trabalho mudou sua maneira de operar e é preciso identificar como essas mudanças estão ocorrendo.

Com base nas análises dos autores, entendemos que novas pesquisas têm que se voltar, cada vez mais, para as particularidades de cada país, tendo em vista a geopolítica da plataformização. Nos países periféricos as condições de trabalhos são assimétricas, quando relacionadas com as dos países de norte global (BRAZ, 2021), (CASILLI, 2021), (GROHMANN; ARAÚJO, 2021), (BERG, et al., 2018).

O ponto chave do capitalismo de plataforma é a desregulamentação, a partir dessa agenda, que traz por trás um projeto que se utiliza do bem comum como

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

argumento, para na realidade criar uma autorregulação do mercado a partir da não regulação do Estado. As empresas passam por cima das leis trabalhistas e aplicam suas regras, o que permite uma espécie de gerenciamento da precarização do trabalho.

A pesquisa corrobora a hipótese de que o capitalismo de plataforma, inicialmente, explora e aumenta a lógica da flexibilidade do trabalho ao reforçar o trabalho conectado. Portanto, compreendemos que essas grandes corporações possuem uma estrutura que proporciona uma forma de trabalho precária, sem nenhuma regulamentação. E com isso, implementam todas as estratégias de intensificar a exploração do trabalho para ampliar a extração de mais-valia.

Por fim, a compreensão das novas lógicas de controle e gestão do trabalho, tem um efeito implacável na vida das pessoas, considerando que nessa nova lógica se pretenda lançar um novo padrão de trabalho muito mais favorável à empresa, desta forma, a luta hoje é pela luta em defesa da regulação para esse “novo” padrão de trabalho.

## REFERÊNCIAS

ABÍLIO, L. C. Uberização como apropriação do modo de vida periférico. In: GROHMANN, Rafael (org.). **Os laboratórios do trabalho digital**. São Paulo: Boitempo, 2021, p. 85-91

ABÍLIO, L. C.; AMORIM, H.; GROHMANN, R. Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. **Sociologias**, 23, p. 26-56, 2021.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviço na era digital**. 2 ed. São Paulo: Boitempo editorial, 2020.

ANTUNES, R. Século XXI: nova era da precarização estrutural do trabalho. In: ANTUNES, R.; BRAGA, R.(Org.). **Infoproletários: degradação real do trabalho virtual**. São Paulo: Boitempo, p. 231-238, 2009.

BERG, J. et al. **As plataformas digitais e o futuro do trabalho: promover o trabalho digno no mundo digital**. Genebra: Bureau Internacional do Trabalho, 2018.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



**BBC News Brasil.** Como o google ganha dinheiro? 30 mar. 2016. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160329\\_google\\_dinheiro\\_fn](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160329_google_dinheiro_fn). Acesso em: 03 jan.2023.

BRAZ, M. V. Heteromação e microtrabalho no Brasil. **Sociologias**, 23, n. 57, p. 134-172, 2021.

CASILLI, A. A. Waiting for robots: the ever-elusive myth of automation and the global exploitation of digital labor. **Sociologias**, 23, p. 112-133, 2021.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e terra, 1999.

DELIVEROO. **Site da Deliveroo.** Disponível em: <https://deliveroo.co.uk/>. Acesso em: 07 jan. 2023.

DE STEFANO, Valerio. **The rise of the just-in-time workforce:** on-demand work, crowdwork and labour protection in the “gig-economy”. Conditions of Work and Employment Series No. 71. Genebra: International Labour Organization (ILO), 2016.

GROHMANN, R.; ARAÚJO, W. O chão de fábrica (brasileiro) da inteligência artificial: a produção de dados e o papel da comunicação entre trabalhadores de Appen e Lionbridge. **Palavra Clave**, v. 24, n. 3, 2021.

GROHMANN, R. Plataformização do trabalho: características e alternativas. In: ANTUNES, R. (Org.). **Uberização, Trabalho Digital e Indústria 4.0.** São Paulo: Boitempo. 2020.

KALIL, R. B. Capitalismo de plataforma: o conceito que melhor explica as relações de trabalho digitais. **Coluna Renato Kalil na Carta Capital.** São Paulo, 26 out. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/capitalismo-de-plataforma-o-conceito-que-melhor-explica-as-relacoes-de-trabalho-digitais/>. Acesso em: 03 jan. 2023

KALIL, R. B. **Capitalismo de plataforma e Direito do Trabalho:** crowdwork e trabalho sob demanda por meio de aplicativos. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

KATZ, Cláudio.; COGGIOLA, Osvaldo. Neoliberalismo ou crise do capital? 2 ed. São Paulo: Xamã Editora, 1996.

KHAN, Lina M. Amazon’s antitrust paradox. In: **The Yale Law Journal** . 2017. Disponível em: <https://www.yalelawjournal.org/note/amazons-antitrust-paradox>. Acesso em: 15 dez. 2022.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



LOJKINE, J. **A revolução informacional**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MACHADO, S. et al. **O trabalho controlado por plataformas digitais: dimensões, perfis e direitos**. Clínica Direito do Trabalho (Universidade Federal do Paraná), 2022.

MORESCHI, B.; PEREIRA, G.; COZMAN, F. G. Trabalhadores brasileiros no Amazon Mechanical Turk: sonhos e realidades de trabalhadores fantasmas. **Contracampo**, 39, p. 44-64, 2020.

NETTO, J. P. Crise do capital e consequências societárias. **Serviço Social e Sociedade**, 111, 413-429. 2012.

SCHMIDT, F. A. Digital labour markets in the platform economy. Mapping the Political Challenges of Crowd Work and Gig Work. **Good Society-Social Democracy #2017 Plus Project Report**, Bonn, v. 7, 2017

SLEE, T. **Uberização: a nova onda do trabalho precarizado**. Editora Elefante, 2019.

SOUZA, Izabella. Entenda por que farmácias e lojas pedem seu CPF e os riscos por trás disso. **Inset**. 07 jan. 2023. Disponível em: <https://www.inset.com.br/dinheiro/entenda-por-que-farmacias-e-lojas-pedem-seu-cpf-e-os-riscos-por-tras-disso>. Acesso em: 15 jan. 2023.

SRNICEK, N. **Capitalismo de plataformas**. Tradução GIACOMETTI, A. Buenos Aires: 2018.

SUNDARARAJAN, A. **Economia compartilhada: o fim do emprego e a ascensão do capitalismo de multidão**. São Paulo: Senac, 2019.

WOODCOCK, J. O algoritmo panóptico da Deliveroo: mensuração, precariedade e ilusão de controle. *In: Uberização, trabalho digital e indústria 4.0*. São Paulo: Boitempo, 2020.

<sup>1</sup> Conforme explica Ludimila Abílio em sua pesquisa com as revendedoras da empresa Natura. Cf. ABÍLIO, L. C. **Sem maquiagem: o trabalho de um milhão de revendedoras de cosméticos**. São Paulo: Boitempo, FAPESP, 2014

PROMOÇÃO



APOIO

